

Campo Bom, alto índice de mortalidade infantil

CAMPO BOM, RS (O GLOBO) — Embora se orgulhe de ser pioneiro da indústria calçadista do Estado e de produzir 27 por cento do calçado que o Rio Grande do Sul exporta, o pequeno município de Campo Bom, no Vale do Rio dos Sinos, a 49 quilômetros de Porto Alegre, figura nas estatísticas da Secretaria Estadual da Saúde com um indesejável primeiro lugar: entre os 14 municípios que formam a região metropolitana de Porto Alegre é o que apresenta o maior índice de mortalidade proporcional na faixa etária de zero a um ano. Em 1976, em cem óbitos, 21 eram de crianças com menos de um ano de idade. Apesar do coeficiente de mortalidade geral ser o mais baixo da região: 7,5 por grupo de mil habitantes. O coeficiente de mortalidade infantil também é elevado — para cada grupo de mil crianças que nascem no município, 74,7 morrem antes de completar um ano de idade.

É provável que essa estatística, referente a um município com 30 mil habitantes, distribuídos numa área de 63 km², tenha ajudado o Ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, a escolher Campo Bom (juntamente com o município baiano de Uauá, 30 mil habitantes, coeficiente de mortalidade também elevado: para cada mil nascimentos há 400 óbitos na faixa etária de zero a um ano) para uma experiência que influirá decisivamente no desenvolvimento de um plano de saúde pública que se estenderá a outros municípios brasileiros em situação semelhante.

Visita do Ministro

Na semana passada o Ministro da Saúde visitou Campo Bom e tomou conhecimento da situação do município no setor da saúde pública. Em um dia de permanência na cidade, Almeida Machado ouviu da própria população (a maioria descendente dos colonos alemães que se instalaram na região a partir de 1824) as queixas que o Prefeito Nestor Guilherme Schneider havia levado a Brasília.

Durante a visita, Almeida Machado anunciou oficialmente a implantação do Plano de Municípios Modelos de Saúde no País. Na ocasião, o Ministro disse que o programa a ser desenvolvido de janeiro a dezembro de 1978 visa a detectar as necessidades básicas de saúde de municípios brasileiros e avaliar a capacidade de participação de cada uma das partes interessadas: os Governos Federal, estadual e municipal, além da própria comunidade.

Por determinação do Ministério, a Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul iniciou imediatamente o planejamento que visa dotar todas as residências de Campo Bom de condições mínimas de habitabilidade: água e fossas sépticas. Uma Subunidade de Saúde está sendo construída em

Campo Bom, onde já existe uma Unidade da Secretaria de Saúde. Segundo o Secretário Estadual de Saúde, Jair Soares, dependendo das necessidades, serão construídas mais quatro subunidades para cumprir as determinações do Ministro: as mães de família deverão ter atendimento facilitado e próximo do casa.

Uma equipe da Secretaria Estadual de Saúde, constituída por médicos de saúde pública, epidemiologistas e planejadores, já começou a trabalhar no município de Campo Bom e, em 40 dias, deverá estar pronto o diagnóstico de necessidades.

— Será um serviço de saúde pública e não medicina curativa. As pessoas vão ser instruídas para aprender a cuidar da saúde, da higiene pessoal, da higiene da residência, da higiene dos alimentos, da prevenção de doenças e do calendário de vacinação — explicou o Secretário.

O município

Jair Soares acha que muitas variáveis vão influir no plano que o Ministério da Saúde executará a partir dos resultados obtidos com a implantação do programa modelo. Ele acredita que após sua implantação, prevista para abril do ano que vem, quando todas as casas de Campo Bom já tiverem condições mínimas de habitabilidade, os dados vão se modificar:

— A mortalidade provavelmente baixará, pois aumentará o número de pessoas trabalhando na área da saúde. Da comparação dos dados que obtivermos com os que temos atualmente e dependendo da resposta da população e da evolução da situação em Uauá e em Campo Bom é que se criará um modelo de saúde para ser implantado em outros municípios brasileiros.

O Secretário ainda não tem previsões de custos para a implantação do Plano de Municípios Modelos de Saúde Pública.

Nos últimos cinco anos, a população de Campo Bom cresceu consideravelmente com a chegada de famílias de regiões vizinhas atraídas pela euforia da exportação de calçados. Esse inesperado aumento de população veio agravar ainda mais o problema do município, completamente desprovido de infraestrutura, onde falta saneamento básico e metade das residências não dispõe de água potável. O próprio Prefeito não tem água potável em casa e é obrigado a “puxar” água da casa do vizinho.

Mesmo no centro da cidade os dejetos são canalizados para fossas que acabam por contaminar os poços artesianos de onde a população retira a água que bebe. O hospital da comunidade, fundado há 30 anos, continua com os mesmos 18 leitos que em 1947 serviam a uma população de 1.800 pessoas.

Outro problema grave da população é o déficit habitacional, que atualmente está em 1.226 casas, devendo crescer para 6.152 casas até 1985, mesmo com o Plano de Construção de Unidades Habitacionais que a Cohab — Companhia Estadual de Habitação — pretende desenvolver, construindo, em duas etapas, 483 casas.

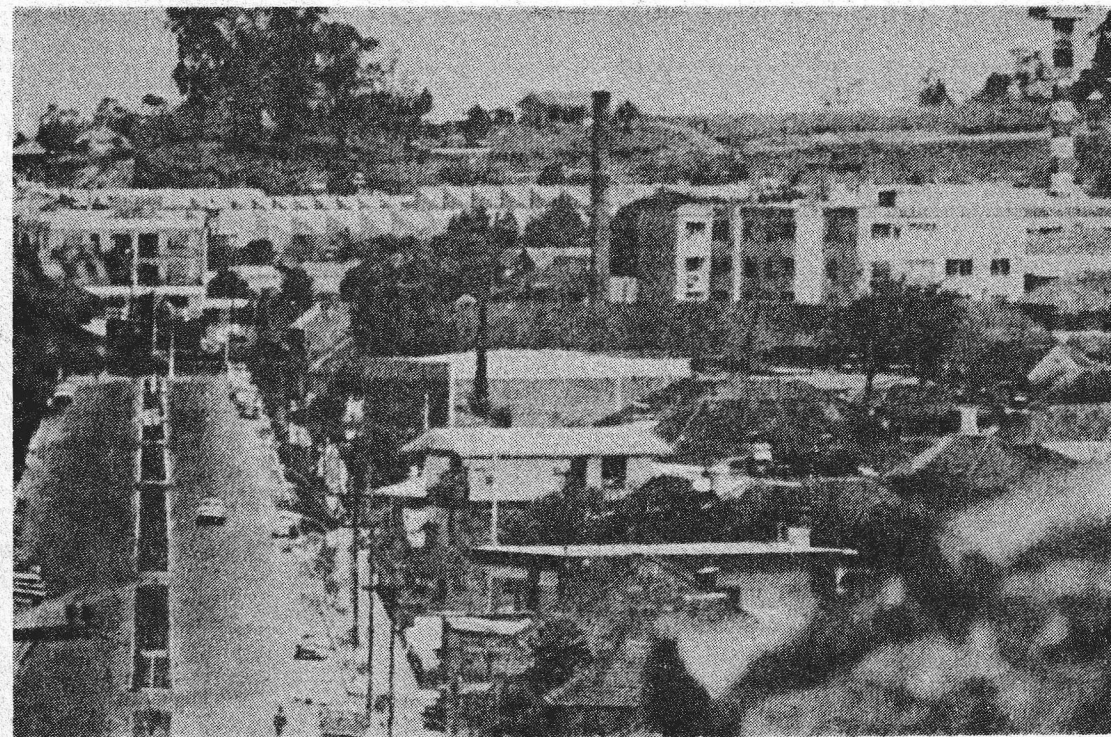
Oitenta e cinco por cento dos estabelecimentos industriais de Campo Bom dedicam-se direta ou indiretamente à fabricação de calçados e 35 por cento da mão-de-obra empregada nessa indústria são constituídos por mulheres, o que explica a existência de mais um problema social da cidade: ausência das mães no lar, onde as crianças ficam aos cuidados dos irmãos mais velhos.

Outro projeto está previsto para ser instalado no município: o Prefeito Nestor Schneider acertou

com uma indústria de vidros do Rio de Janeiro a construção de uma fábrica de garrafas que fornecerá vasilhames para uma indústria de cerveja. O projeto prevê um investimento inicial de, Cr\$ 380 milhões e deverá empregar mão-de-obra masculina.

Hospital

Quando esteve pela segunda vez em Brasília, em busca de ajuda para construir um novo hospital para a cidade, o Prefeito Nestor Schneider ouviu do Ministro da Saúde que seu município seria incluído num plano experimental com o objetivo de criar um modelo de atendimento nacional para o setor de saúde pública. Schneider voltou de Brasília com uma verba de Cr\$ 50 mil para o hospital (ajuda não prevista no orçamento do Ministério da Saúde).



Campo Bom tem somente um hospital para atender a uma população de 30 mil habitantes